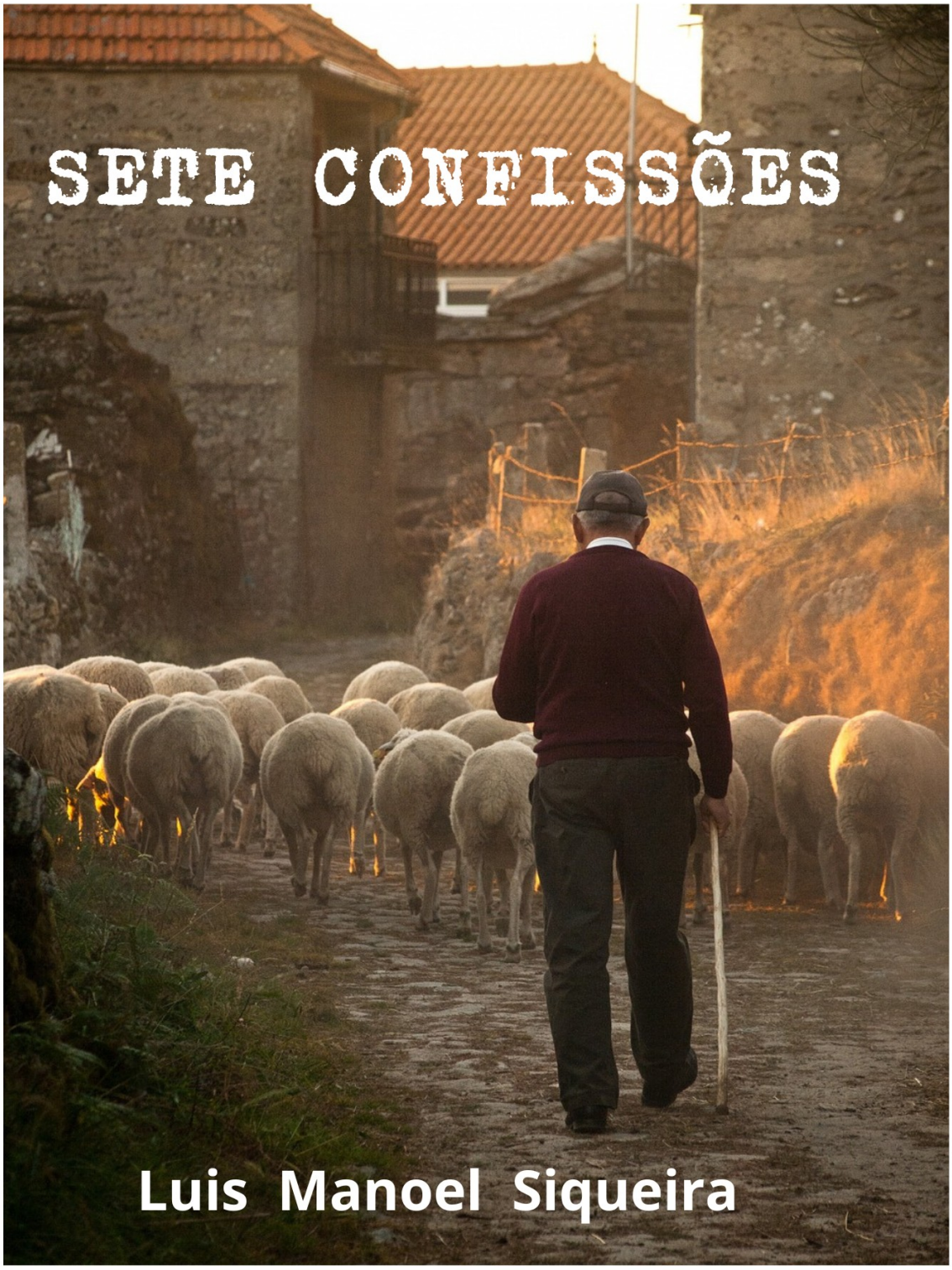
SETE CONFISSÕES
Luis Manoel Siqueira

Este conto pode ser encontrado em depósito no site da fundação https://archive.org/ para livre download.

SETE CONFISSÕES © 2024 by LUIS MANOEL SIQUEIRA is licensed under Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

Capa: Foto de António Cascalheira – Pixabay.

1

“ - Pastor Jonas, que bom que hoje o senhor é o capelão. Eu estudei em colégio evangélico quando menina. Ainda lembro de alguns hinos.

Mandei lhe chamar pois sei que o meu fim se aproxima. Os tumores me levaram dois seios e agora pedem minha vida. Não me revolto. Apenas me arrependo de uma vida tão desregrada. Usei do meu corpo como queria, sabe, eram os anos da revolução cultural. Paz e amor. Trocava de namorados como quem troca de roupas. Bebia muito até bem pouco tempo.

Eu era bem empregada, ganhava um bom salário. Até que meu último companheiro morreu de tristeza por eu tê-lo deixado. Fiquei com a sua gorda pensão. Dinheiro no banco, dois apartamentos.

Minha família - ajudei uns - outros se afastaram pela minha maneira de ser - eu compreendo. Não vou deixar nada para ninguém. Eles que briguem pelo inventário. Eles sabem brigar muito bem.

A verdade é que sei que estou ido embora em poucos dias. Respiro mal e vomito demais. Não sei o que Deus vai fazer de minha alma. Fiquei sozinha no final da vida. Uma empregada maluca, paga a preço de ouro, é quem ainda comprava os meus cigarros. Eu sei que ela me rouba. Deixo para lá. Eu gosto dela. É parecida comigo. Conheço toda a família. Trabalhou na fazenda de meu pai.

Arrependo-me por ter deixado meu último marido. Ele foi o melhor que tive. Ele realmente me amava como eu sou: louca, difícil, impulsiva e imprevisível. Agora é tarde...

Mandei lhe chamar para o senhor me dizer se tenho condições de ser perdoada. Sou um trapo de mulher

sozinha. Vejo o filme de minha vida e percebo que nunca imaginei que um dia tudo iria se desfazer, o silicone do corpo iria me deformar e a beleza de minha juventude desaparecer. E agora, Capelão Jonas, o que me resta fazer?”

2

“ - Padre Antonio, eu não acredito em amizades. Acredito somente em interesses. Assim, com a minha empresa, fiz contatos importantes, com gente poderosa. Financiei candidaturas e dei propinas para ganhar contratos de grandes obras. Nada disso eu nego.

Nuca liguei para religião, eu confesso. Mas sinto que todo rio corre pro mar. Os médicos me disseram que a minha situação não é boa, que as velhas pontes de safena já estão comprometidas e que o coração não suporta nova cirurgia devido a minha idade.

Deixei a família arrumada. Dei a cada filho e a ex-mulher uma gorda pensão mensal. Não vão mais brigar. Nem eu com eles. Serão vitalíciass.

Para não viver sozinho e ter alguém mais jovem que cuide de mim, fiz amizade com uma jovem argentina que vivia como guia turístico e cambista de dólares. Fiz um contrato com ela e registrei em cartório. Ela terá seu futuro garantido com um salário gordo enquanto eu estiver vivo e depois. Gosto de mulheres novas. De um bom uísque. De boa mesa.

Todaia, sei que o meu fim se aproxima. Chamei o senhor porque nunca tive realmente uma vida voltada para Deus – e até duvido que ele existe. Às vezes penso que somos apenas obras do acaso, de combinações químicas de enzimas ao longo de milênios. Enfim, senti no coração uma vontade de contribuir com a igreja. Qualquer uma. Peço-lhe

que aceite a doação que vou lhe dar para as suas obras sociais. Todavia, peço-lhe uma coisa: que reze uma missa em favor de minha alma quando eu for embora. Este é o meu último desejo. Meu último interesse. Mesmo sendo um incrédulo, o senhor aceita fazer? ”

3

“ – Pastor Jonas que bom que o senhor veio. Ainda a pouco, a médica me disse que eu preciso escolher: Ou cuido do meu bebê que vai nascer e o salvo, ou tomo os remédios contra o câncer e ele morre, pois o tratamento é muito cheio de drogas e meu filhinho não suportaria.

Sinto-o mexer na minha barriga. Principalmente quando eu falo. Ele quer me conhecer e eu a ele. Então, depois de pensar e chorar muito eu decidi: Quero que meu bebê viva. Não me importa morrer depois. Tenho uma irmã pequena que me prometeu que vai cuidar dele.

Quero ter o privilégio de segurar ele nos meus braços, de beija-lo muito, sentir o seu cheirinho e ver os seus olhos. Será um menino. Ainda estou pensando no nome dele.

Vou tirar muitos retratos para que, no futuro, ele me veja, pois não vai se lembrar de mim. Mas eu estarei sempre ao lado dele. Sempre orando pela vida dele.

Eu mandei chamar o senhor aqui para lhe fazer uma pergunta, Pastor Jonas: quando a gente está no Céu, a gente pode ver o filho da gente crescer? Era tudo o que eu queria pedir a Deus neste momento. É tão pouco o que peço a Deus...

O senhor poderia pedir isso agora comigo numa oração?”

4

“ – Veio aqui agourar a minha morte, Padre ? Engula a sua extrema unção. Tenho abstinência de liberdade, de rua, de sexo e droga. Deus me abandonou não lembro quando! Entre um cacete ou outro do meu padastro, riscando as minhas costas de cicatrizes sem motivo nenhum! E do abuso que ele fazia com um menino de apenas dez anos. Eu tinha de ser abusado por ele até ele se satisfazer. Ou apanhava mais. Ou não comia.

Minha mãe lavava roupa de ganho. Vivia com outros também. Eu era apenas um indefeso num barraco sem Papai Noel e sem carrinhos para brincar - esses das vitrines que os filhos dos riquinhos levavam embrulhados para casa.

Com onze anos fugi para a rua. Pedi dinheiro e mudei de cidade. Morei ao relento mesmo. Pedindo comida e esmola. Fumando e cheirando de tudo para suportar a vida -, essa que trago riscada de tatuagens no corpo. Olha aqui a tatuagem do diabo – o senhor tem medo dele? Eu não. Já fui até o inferno e conversei com ele. Ele me disse que eu era seu protegido. Fumei um cachimbo com ele. Ele me chamou de “Bom menino”. Somente ele me chamou assim.

Solte-me daqui. Saio correndo dessa ala se for solto da maca. Não perca seu tempo comigo. Jogo no time inimigo.

Vocês das igrejas gostam mesmo é de quem tem dinheiro para dar ofertas para encherem o rabo. E de miseráveis na porta para dar cestas básicas ou sopa de noite. Não é assim? Que sabem vocês da vida aqui fora? Que sabem de uma vida sem infância e destruída por monstros humanos? Pois foi no que me tornei, Padre: Um deles. Mas não mexo com criança pois não sou covarde. Enfrentei a Polícia e apanhei várias vezes. Fui em cana. Saí. Acordava com cara de cachorro doido, os olhos vermelhos e gritava: Deus, cadê você, seu merda ?

O Senhor veio aqui para me converter? Jesus vai me salvar? de quem? Ele consegue me salvar de mim? Daqui há dois anos vá assistir à exumação do meu cadáver – olhe bem para o meu rosto, Padre, e o senhor verá a face de Deus.”

5

“ - Eu sonho quase todas as noites com um jardim muito bonito. Pessoas de branco me acompanham para passear. Vejo animais brincando com os outros. Borboletas, coelhinhos, ovelhas e até leões. Todos mansinhos. O meu cabelo está caindo. Mamãe não para de chorar quando olha para mim. Eu vomito muito, sinto tontura. Acho que vou morrer, mas não tenho medo. Eu vou para esse jardim, não vou, Pastor? Nunca fui desobediente.

Eu pergunto às pessoas no sonho se posso ficar lá. Elas dizem para eu esperar mais um pouco. Lá deve ser o Céu, não é? Mas não vejo Papai do Céu, nem Jesus e Nossa Senhora. Estou cansada desse hospital. Esta é a minha boneca. O nome dela é Emília. É a única que tenho. Fica deitada aqui comigo. Não tenho vontade de brincar com ela, mas não queria deixa-la sozinha em casa. Ela me faz companhia. Nem chora quando me vê vomitar. É minha filhinha e amiga.

Pastor, eu vou para esse jardim? Eu vou morar lá?”

6

“- Pai, tem misericórdia deste teu pastor que vive perdido entre o teu rebanho. Quem sou eu para carregar tanto peso das confissões que escuto? Para atravessar a estrada estreita e tantos espinhos? já não suporto mais oferecer uma fé que me falta. Perco-me nas enfermarias e quartos deste hospital como um gadareno acorrentado, à tua espera, que não chega.

A minha fé vacila. Já perco noites de sono no tribunal como advogado de defesa de tantas vidas que se findam destroçadas. Já te condeno ao ver tanto sofrimento sem resposta – teu silêncio ao pé das macas cheias de amarguras, tristezas e lamentos.

Pai, eu sou fraco. Não deveria estar aqui como teu pastor. Tu sabes quanto me esforço para não abandonar a missão e desaparecer pelas ruas e procurar um esconderijo para a minha fraqueza.

O que faço com meus votos se eles pesam tanto? Como suportar a face da morte e ainda oferecer um consolo, um sorriso, um gesto de esperança, se eu mesmo deles careço tanto?

Pai, eu afundo no mar como Pedro. Tem misericórdia e estende a mão. Já penso que não sou merecedor de ser chamado teu seguidor. Sou um vulto que tropeça no caminho e, a cada dia, sinto-me fraco e desonesto com a missão que jurei seguir.

Tem misericórdia de mim, Filho de Deus, deste teu pecador!”

7

“ - Entrei na capela e lhe vi ajoelhado, orando em desespero e com uma sinceridade comoventes. Pastor. Sentei aqui num banco e fiquei escutando. As suas palavras apertaram o meu coração, sabe por que, Pastor? Porque elas já foram minhas muitas vezes. Falta de fé, desânimo, vontade de desistir de tudo e devolver os votos. Quem você pensa que é? Um rochedo? Com quem somos mais parecidos: com São Tomé ou com São Paulo? Ou com nenhum dos dois e, apenas com nós mesmos?

Se desistirmos de tudo, o que restará de nós, filho? Sermos mais um na multidão, na turba de zumbis que vagueiam pelas ruas dessa cidade. Não vê que a justificação de nossas vidas está na nossa espinhosa missão, aqui neste hospital, ouvir e dar consolo a quem se despede da vida?

Não se envergonhe pelo que sente. É humano. É de nossa natureza fraca como a relva no vento de que fala a Palavra.

E quanto a nós dois, nenhuma das teses de Lutero é mais forte do que o perdão e o amor de Deus nem justificam a nossa indiferença e separação, filho. Cruzarmos esses corredores quase todos os dias sem nos cumprimentarmos? Foi isso que Cristo ensinou? Não vê que é aqui, trabalhando face a face com a morte, que o hedonismo e a vaidade do mundo perdem o sentido? Por que acha que nos procuram? O que esses pacientes terminais veem em nós ? Somos sal e luz do mundo ou não servimos para nada. Nem suportaremos a renuncia dos votos que fizemos.

Eu lhe peço desculpas pela indiferença e soberba com que tenho lhe tratado por tanto tempo neste hospital.

Venha, Pastor Jonas, levante os joelhos deste chão e dê aqui um abraço nesse Padre, velho pecador, tão ou mais fraco do que você. Enxugue as lágrimas. Vamos rezar juntos. Você me perdoa?”

Luis Manoel Siqueira é um escritor pernambucano. Iniciou a publicar pequenos contos no suplemento infantil do Diário de Pernambuco aos oito anos de idade.

Escreveu e publicou mais de 20 títulos, dentre eles "O Leão e a Baronesa"(Prêmio Othon Bezerra de Melo da Academia Pernambucana de Letras e "A Idade da Pedra" (Menção Honrosa no mesmo prêmio em 1990). "Neruega" (Menção Honrosa do Premio Literario Cidade do Recife - 2020). "A Estória do Cavaleiro Perdido", "Farewell Acaju" e "O Pedido que eu fiz ao meu Cachorro"